



## **O TRATAMENTO DA NORMA EM LIVROS DIDÁTICOS DO ENSINO MÉDIO**

Carlos Magno Costa e Silva

*Universidade Federal de Campina Grande – [carlosmagnocostaesilva@gmail.com](mailto:carlosmagnocostaesilva@gmail.com)*

Morgana de Medeiros Farias

*Universidade Federal da Paraíba – [morgananp14@hotmail.com](mailto:morgananp14@hotmail.com)*

### **INTRODUÇÃO**

Na concepção da sociolinguística, a língua é intrinsecamente heterogênea, múltipla, variável, instável e está sempre em desconstrução. É um trabalho coletivo, empreendido por todos os seus falantes, cada vez que eles se põem a interagir por meio da fala ou da escrita. (BAGNO, 2007). Nesse sentido, a Sociolinguística oferece subsídios para discutirmos a problemática da norma linguística e as suas atividades de codificação e prescrição. Ao observar as relações entre língua e sociedade é notável que as variedades de maior prestígio possuam uma avaliação positiva da sociedade e que, por isso, exigem um alto grau de letramento e monitoramento, adquiridos em grande parte por meio das práticas pedagógicas, pois é nelas, centrada na figura da escola instituição a serviço da sociedade, onde se adquire essa variedade tomada como padrão e que é oriunda das classes dominantes, sendo estabelecida como norma a ser seguida.

Diante disso, entendendo o livro didático, em especial o de Língua Portuguesa, como um facilitador das práticas pedagógicas escolares, o Ministério da Educação (MEC) por meio de regulamentações como a OCEM (Orientações Curriculares para o Ensino Médio), no decorrer dos últimos anos, vêm incluindo conceitos comuns da Sociolinguística, tais como os de norma e o de variação linguística, por exemplo, como aqueles que devem ancorar o ensino de língua numa perspectiva de interação, abordando os conhecimentos linguísticos nas coleções destinadas a esse nível de ensino. Pedindo, portanto, uma reflexão mais profunda e crítica desses conceitos no ambiente escolar.

Realizar análises acerca de temáticas tão contundentes no seio acadêmico, principalmente voltando-os para as questões do ensino, aqui especificamente, no âmbito dos LD, torna-se relevante, pois permite uma maior reflexão sobre essa questão, possibilitando, assim, uma prática mais consciente sobre tal questão em estudo.

Entende-se também que o conceito de norma merece ser mais bem compreendido e descrito, para poder assim estabelecer aquilo que deve



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

ser ensinado na escola, evitando, com isso, o estabelecimento de um cenário conservador e elitista sobre as questões linguísticas, principalmente num país como Brasil que possui inúmeras variedades linguísticas, com suas funções específicas. Reconhecer a variedade que é tomada como padrão, permite assim uma reflexão sobre o ensino de língua materna em relação à norma, pois “a língua é uma realidade heterogênea e mutante” (FARACO, 2008, p.87), com diferenças e alternâncias de usos.

## **METODOLOGIA**

### **Tipo de pesquisa**

A presente investigação trabalhou com conceitos da Sociolinguística aplicados à Linguística Aplicada. Dessa forma, o trabalho é classificado metodologicamente como uma pesquisa descritiva, com coleta de dados documentais e de natureza qualitativa.

No que diz respeito aos procedimentos de coleta de dados, a pesquisa se classifica como documental, pois ela se utiliza dos documentos oficiais e dos livros didáticos para ser realizada. Também denominada de pesquisa de fontes primárias, este tipo de pesquisa se caracteriza pela busca de informações em documentos que não receberam nenhum tratamento científico, que incluem não somente os oficiais, mas também àqueles que correspondem a uma informação organizada de maneira sistemática, porém comunicada de diferentes maneiras (GONSALVES, 2001; OLIVEIRA, 2010).

Em relação à natureza dos dados, entende-se que, pelo fato de se observar concepções e tratamentos metodológicos em livros didáticos, esta pesquisa terá natureza qualitativa, já que ela preocupa-se com a interpretação do fenômeno. Levando em conta o significado que os outros dão às suas práticas, a pesquisa qualitativa se caracteriza como sendo uma forma profunda de tratar o fenômeno estudado, o significado e as características do resultado das informações obtidas (GONSALVES, 2001; OLIVEIRA, 2010).

### **Procedimentos de coleta de dados**

Buscando notar a relação entre o conceito de norma dos livros didáticos e o tratamento metodológico nas coleções de livros didáticos do ensino médio, serão tomadas as coleções listadas abaixo para compor o corpus da pesquisa (ver quadro 1). As coleções foram



# III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

escolhidas por dois critérios: o de terem sido aprovadas pelo PNLD e o de estarem presentes nas escolas públicas do Ensino Médio, especificamente na cidade de Esperança – PB.

## Quadro 1: Relação das obras analisadas

Titulo da obra	Autores	Editora	Ano	Volume(s)
Novas palavras (Coleção 1)	Emília Amaral, Mauro Ferreira do Patrocínio, Ricardo Silva Leite e Severino Antônio Moreira Barbosa.	FTD	2013	1,2 e 3
Português: contexto, interlocução e sentido. (Coleção 2)	Maria Luiza M. Abaurre, Maria Bernadete M. Abaurre e Marcela Pontara	Moderna	2013	1,2 e 3

Fonte: elaboração própria (2015).

Para facilitar a análise, as coleções foram denominadas de Coleção 1 e Coleção 2. A primeira divide os seus conteúdos em três eixos: Literatura, Gramática e Redação e Leitura na qual o objeto de análise encontra-se presente na unidade de gramática que possui oito capítulos em cada volume. Os capítulos apresentam uma seção denominada “Introdução”, com partes específicas contendo conteúdos temáticos do capítulo, com quadros conceituais explicativos denominados de “Fique atento!” e “O que dizem os linguistas”, além de seções denominadas de “Resumindo o que você estudou”, “Atividades”, “Da teoria à prática”, “Agora é sua vez” e “E mais...”.

Já a segunda coleção apresenta também seus conteúdos divididos em três eixos: Literatura, Gramática e Produção de texto, sendo cada eixo subdividido em unidades. Assim como na primeira coleção, a análise deteve-se ao segundo eixo, o qual em cada volume apresentou diferentes subdivisões: o primeiro volume contém três unidades, com dez capítulos, sendo duas unidades com três capítulos e uma com quatro; o segundo com doze capítulos distribuídos em duas unidades, a primeira com dez e a outra com dois capítulos e o terceiro volume com três unidades, sendo quatro capítulos para uma unidade e dois capítulos em cada uma das unidades restantes, totalizando no último volume oito capítulos no volume três da coleção 2. Todos os seus capítulos apresentam as seguintes seções: “Objetivos”, “Tome nota”, “Atividades” e “Lembre-se” e alguns deles outras seções como “Enem, outras avaliações oficiais e vestibulares” e “Seção especial”.



Após a seleção das coleções, ocorreu a coleta de dados conforme os seguintes procedimentos: (1) todos os três volumes das coleções escolhidas foram lidos, buscando-se identificar como a norma é tratada nas coleções, tanto em relação ao conceito quanto nas atividades. (2) Em seguida, foram identificadas, nos Manuais dos Professores, as concepções de norma e língua adotadas pelos livros didáticos, as propostas de estudo apresentadas, quais volumes que abordam e as unidades em que foram trabalhadas.

## **DISCUSSÃO**

### **Concepção de língua**

Antes da observação das concepções de língua e de norma, é importante frisar que a escolha de uma ou mais concepção (ões) é de extrema importância para nortear o ensino, pois essa escolha é “o ponto de partida para todas as apreciações que fazemos, mesmo aquelas mais intuitivas, mais descompromissadas e corriqueiras” (ANTUNES, 2014, p.15) que regem o trabalho na sala de aula, já que para entender os fatos da língua é preciso de teoria.

São três as concepções de língua: língua como expressão do pensamento, como instrumento de comunicação e língua como interação. Na primeira concepção, a língua é vista como uma organização lógica do pensamento, com um sistema homogêneo e fechado, organizado em estruturas gramaticais iguais para todos os falantes. Já a língua como instrumento de comunicação é entendida como um código, um conjunto de signos que dentro de regras se combinam para transmitir uma mensagem e/ou informações para seus receptores. Na concepção da interação, a língua funciona como um processo, uma construção dialógica entre os sujeitos dentro de um contexto sócio-histórico e ideológico.

### **Concepção de norma**

As Orientações Curriculares para o Ensino Médio orientam acerca do tratamento da temática da norma apresenta recomendações no referido documento. E como a norma se encontra diretamente ligada ao conceito de língua, as OCEM consideram que:

(...) assume-se que o aprendizado da língua implica a apreensão de práticas de linguagem, modos de usos da língua construídos e somente compreendidos nas interações, o que explica a estreita relação entre os participantes de uma dada interação, os objetivos comunicativos que constroem e as escolhas linguísticas a que procedem. Em



# III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

outras palavras, a assunção desse ponto de vista determina que o trabalho com a língua(gem) na escola invista na reflexão sobre os vários conjuntos de normas – gramaticais e sociopragmáticas – sem os quais é impossível atuar, de forma bem-sucedida, nas práticas sociais de uso da língua de nossa sociedade. (OCEM, 2006, p.30)

Com base no trecho, é importante observar o reforço da aprendizagem não de um único modo de uso da língua, mas como “modos de usos da língua” em que se admite, conforme a interação, o uso de vários conjuntos de normas e também o uso da língua ligado às práticas sociais. Nesse sentido, a concepção de norma adotada pelas orientações é de norma como normalidade, em que tal conceito admite não um modo de língua, no singular, mas de vários modos de língua.

## O tratamento da norma nas questões dos livros didáticos

Antes de se observar as questões apresentadas nas coleções é necessário frisar que as questões a seguir foram analisadas sob os dois pontos de vista considerados no primeiro item do primeiro capítulo: a de norma como normatividade<sup>1</sup> e a norma como normalidade<sup>2</sup>. Dessa forma, partimos para a análise das atividades selecionadas para o trabalho com a norma em todos os volumes das coleções selecionadas. Verificando a quantidade de atividades, a tabela a seguir mostra como se encontram distribuídas as questões pelas coleções, bem como a perspectiva de norma adotada pelas duas coleções.

**Tabela 1: Levantamento quantitativo das questões com norma linguística**

Concepções de norma	Coleção 1				Coleção 2			
	Vol. 1	Vol. 2	Vol. 3	Total	Vol. 1	Vol.2	Vol.3	Total
Normatividade	1	8	26	35	1	2	9	12
Normalidade	17	3	4	24	10	0	7	17
Total por Volume	18	11	30	59	11	2	16	29

Fonte: Dados da pesquisa (2015).

<sup>1</sup> A norma prescritiva é relacionada com o caráter normativo, como um modelo a ser seguido e implica “a vigência de determinados códigos de comportamento, entendidos como conjuntos de regras imperativas, instruções e recomendações contidas num corpo metalinguístico” (MONTEAGUDO, 2011, p. 41).

<sup>2</sup> Além do aspecto normativo, a norma também pode ser compreendida como “o conjunto de fatos linguísticos que caracterizam o modo como normalmente falam as pessoas de certa comunidade, incluindo (...) os fenômenos da variação” (FARACO, 2008, p. 40).



Na tabela 1, é possível notar que nas coleções selecionadas, de maneira geral, tiveram um equilíbrio entre as concepções de norma. A primeira coleção apresentou 59 questões, em que 35 são pela perspectiva da normatividade, enquanto que 24 são pela perspectiva da normalidade, o que mostra um equilíbrio que é condizente com as concepções apresentadas no manual em que havia a mescla das duas perspectivas. Já coleção 2 apresentou 17 dentre as 29 questões levantadas pela perspectiva da normalidade, exibindo assim um equilíbrio nas atividades com o trabalho com a norma, o que destoa com a concepção de norma apresentada, já que ela gerou uma expectativa por ter apresentado explicitamente uma concepção voltada para a normalidade.

O que esses números revelam é que, apesar de muitas vezes as concepções defendidas pelos autores nos levarem a inferir a oferta de determinadas reflexões sobre a língua, seja no limite da normalidade, seja pela normatividade, o que se percebe é que nas propostas de atividades das coleções o que houve foi, na verdade, uma mescla dessas duas perspectivas, em ambas as coleções.

Ao contrário da norma pela normalidade, a perspectiva da normatividade que cresce no decorrer das coleções estando fortemente presentes no volume referente ao terceiro ano, podendo assim inferir um desenvolvimento mais forte da perspectiva normativa já que é no último ano do Ensino Médio que ocorre as provas de seleção para ingresso às universidades, como os vestibulares e o ENEM, nas quais a normatividade da língua é uma das competências exigidas para a prova de língua portuguesa e/ou de linguagens.

Diante da tabela aqui apresentada destacamos para análise algumas dessas questões encontradas nas coleções, iniciando pela coleção 1.

## COLEÇÃO 1

### Exemplo 1

2. O trecho a seguir reproduz a fala de um operário. Leia-o e responda aos itens de a a c.

Os nossos salário, cum relação ao que nós fazemo e o lucro que os outros tem, é diferente. Por que acontece isso? Eu tenho que trabalha trezentos e sessenta e cinco dia. O outro não trabalha nem... nem cem dia, ganha muito mais. Porque eu sô a máquina de descanso pra ele.

RAINHO, Luis Fernando. Os peões do Grande ABC. Petrópolis: Vozes, 1978.

a) Identifique no texto as duas diferenças mais evidentes em relação ao padrão formal da língua portuguesa. 1. Ausência de plural nos nomes/substantivos: nossos salário, cem dia. 2. Diferença na pronúncia de algumas vogais: cum — com; nós — nós; trabalhá — trabalhar; trabalhá — trabalha; sô/sô — sou/sou.

b) Suponha que alguém, depois de ler esse texto, dissesse o seguinte: “Essa pessoa não sabe gramática, por isso comete muitos erros.”. Você concordaria com essa opinião? Justifique. Espera-se que os alunos não concordem com essa análise. O falante sabe “falar” e, embora não domine a variedade padrão, domina a gramática internalizada (estrutura de funcionamento da língua, o que lhe permite comunicar-se com clareza, expressividade e senso crítico).

c) O fato de o falante do texto não se expressar de acordo com as regras da gramática normativa impede de ter senso crítico em relação ao problema que ele analisa. Qual é esse problema e ele tem a respeito? Ele analisa a exploração a que é submetido em seu trabalho: trabalha muito e ganha muito menos do que quem não trabalha tanto quanto ele. A última frase sugere que o falante esteja se referindo ao padrão de posicionamento evidência sua indignação/revolta; ele não aceita passivamente a situação.



Neste exemplo da seção Atividades, a questão “a” exige do aluno conhecimentos sobre as diferenças do “padrão formal” das variedades por meio da identificação de elementos linguísticos como ausência das marcas de plural; na segunda questão, se nota que os autores esperam por meio do enunciado proposto que o aluno responda que esse falante domina perfeitamente a gramática internalizada (estrutura do funcionamento da língua), o que lhe permite comunicar-se com clareza, expressividade e senso crítico.

Nesta questão é possível notar que os autores desenvolvem o trabalho com a norma como normalidade numa proposta de bidialetalismo funcional em que se espera do aluno o aprendizado das formas linguísticas aceitas como padrão, adequando conforme as situações sócio-comunicativas, o que faz com que se veja uma diferenciação das concepções de língua e norma defendidas pelos autores e as atividades propostas.

Ainda sobre o exemplo, cada questão desenvolve um tipo de atividade. A alternativa a é uma atividade epilinguística, pois os recursos expressivos são os objetos de estudo, como se vê no comando para identificar as diferenças de formas do padrão formal. Já a alternativa b é classificada como metalinguística já que se volta para os recursos dentro de uma perspectiva ampla de língua, sem que nenhuma variedade seja vista como mais prestigiada que outra. Já a alternativa c é classificada como atividade linguística por um enfoque bem voltado para a reflexão sobre os fatos linguísticos, o que se enquadra bem na perspectiva da normalidade.

O exemplo 2, a seguir, trabalha com o foco em um tópico gramatical.

Exemplo 2:

1. (UFSCar-SP) Considere a tirinha.

Na situação comunicativa em que se encontram, os personagens valem-se de uma variedade linguística marcada pela informalidade. Reescreva as frases a seguir, adequando-as à norma-padrão, e justifique as alterações realizadas.

a) "Onde ele foi?" e "Vai onde for preciso!"  
*Onde ele foi? e Vai onde for preciso! — Na norma-padrão, o verbo "ir" rege preposição "a" para iniciar o adjunto adverbial de lugar; ir a algum lugar.*

b) "Você conhece ele..." e "A gente tem camisa pro frio?"  
*Você conhece (o pronome "ele", na variedade padrão, não é empregado na função de objeto direto; é necessário empregar o obliquo "o"). Nós temos camisa para o frio? — A forma "A gente", na norma-padrão, deve ser substituída por "nós"; também nessa variedade não se empregam contrações como "pro" e "pra".*



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

O exemplo 2 foi retirado do terceiro volume da Coleção 1 e se refere a uma atividade que está presente no capítulo dedicado à regência e à crase e assim, como no exemplo anterior trabalha com a reescrita de frases, porém partindo de uma tirinha para atingir o objetivo de adequá-las para a norma-padrão. Tanto esse exemplo como o anterior, utiliza-se como estratégia a resolução de exercícios com frases e períodos para inscrição de uma forma correta, com objetivo de desenvolver a utilização de formas corretas para explicitar a regra prescrita pela gramática normativa, sendo então mais um exemplo de proposta de atividade do tipo conservadora. A letra *a* tem como resposta a substituição do onde pelo aonde, já que *Na norma padrão, o verbo “ir” rege preposição “a” para iniciar o adjunto adverbial de lugar: ir a algum lugar*, enquanto que na *b* se pede a substituição do ele pelo oblíquo o na primeira frase, pois, segundo os autores, *o pronome “ele” na variedade padrão, não é empregado na função de objeto direto; é necessário empregar o oblíquo “o” e na segunda a substituição do a gente pelo nós já que A forma “A gente”, na norma-padrão, deve ser substituída por “nós”; também nessa variedade não se empregam.*

De modo geral, com base nos exemplos apresentados, é possível notar que a Coleção 1 apresenta no decorrer de sua obra atividades com a norma tanto pela concepção da normalidade, como pela da normatividade, sendo a primeira, conforme a tabela 1, predominante no primeiro volume da coleção, enquanto que a segunda prevalece em aspectos quantitativos no terceiro volume da coleção.

## COLEÇÃO 2

Exemplo 3:

» Leia a tira a seguir para responder às questões 7 e 8.

7. A resposta dos pintinhos à bronca da galinha causa estranhamento. Por quê?  
» De que maneira a galinha justifica a resposta dada pelos pintinhos?

8. Considerando a resposta da galinha, qual a variedade linguística utilizada por ela e seus filhotes? Explique.  
» De que forma essa representação da variedade linguística contribui para construir o humor da tira?

(ABAURRE, ABAURRE e PONTARA, 2013. Vol. 1.p.166)

Essa atividade foi retirada no primeiro capítulo da disciplina de gramática denominado de *Linguagem e Variação linguística*, na seção



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

*Atividades.* Sempre tomando como base o texto, assim como nos próximos exemplos, o exemplo 3 trabalha por meio do recurso do humor da tirinha a questão da variação linguística, especificamente o dialeto caipira, se revelando assim como uma atividade metalinguística, em que para a resposta da primeira pergunta vale-se dos elementos linguísticos da tira para atender a justificativa dada para a resposta. Já para a segunda deve-se levar em conta o reconhecimento e quais as intenções do autor ao utilizar essa representação para atingir o humor da tirinha. Como respostas a essas questões, as autoras sugerem:

7. Causa estranhamento o fato de os pintinhos dizerem "Pir" em lugar de "Piu".

► Segundo a galinha, os pintinhos piam dessa forma (com um "r" em lugar do "u") porque eles e a mãe são "galinhas caipiras".

8. A resposta da galinha é uma representação de uma variedade social, como se pode notar pela estrutura "Nóis semo galinha caipira", que apresenta diferenças morfosintáticas em relação ao que determina a norma de prestígio ("Nós somos galinhas caipiras").

O humor da tira é construído pelo fato de se associar à galinha e aos pintinhos uma variedade social pelo fato de eles serem "aves caipiras", já que é evidente que esses animais não produziram sons diferentes de galinhas e frangos criados em granjas. É importante destacar para os alunos que, nesse caso, com o objetivo de produzir o humor da tira, há uma representação estereotipada do que seria o "dialeto caipira".

(ABAURRE, ABAURRE, e PONTARA, 2013. Vol. 1. Guia de recursos p.83)

É importante ressaltar, observando as respostas propostas, que as autoras apresentam a variedade caipira como uma variedade social diferenciada da norma de prestígio, dando a recomendação de que *É importante destacar para os alunos que, nesse caso, com o objetivo de produzir o humor da tira, há uma representação estereotipada do que seria o "dialeto caipira"*, mostrando assim não só o trabalho com a norma pela perspectiva da normalidade, como também dentro da perspectiva da variação linguística, a qual é considerada conceito estruturador da coleção. Ao destacar o uso como uma *representação estereotipada*, elas levam o aluno a uma reflexão sobre esse uso com o objetivo de não relacioná-lo a uma piada, um uso pejorativo. Abre-se, assim, a discussão voltada para o respeito e reconhecimento dos modos diferentes de se usar a língua.

O próximo exemplo foi retirado do terceiro volume da Coleção 2 do capítulo 13, denominado de *Concordância e Regência* e apresenta diferente abordagem em relação à norma linguística.

Exemplo 4:

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

[www.conedu.com.br](http://www.conedu.com.br)



» Leia com atenção o diálogo na tira abaixo para responder às questões de 1 a 3.



» GONSALES, Fernando. *Níquel Náusea: vê pentear macacos!* São Paulo: Devir, 1994, p. 29.

1. Nos dois primeiros quadrinhos da tira, Níquel Náusea repete uma mesma fala. Por que ele faz isso?  
» Algo inesperado ocorre no terceiro quadrinho. Explique.
2. Você aprendeu que variedade linguística é cada um dos sistemas em que uma língua se diversifica, refletindo diferenças regionais, sociais, etc. Há, na tira, exemplos de duas variedades distintas. No caderno, transcreva as falas representativas de cada uma delas.
  - a) Qual das variedades que você transcreveu tem maior prestígio social e costuma ser empregada em situações de maior formalidade?
  - b) Considere o prestígio social de cada uma das variedades transcritas e explique por que o ratinho teria escolhido empregar a variedade que aparece nos dois primeiros quadrinhos para falar com a ratinha.
3. Do ponto de vista da gramática normativa, o que chama a atenção na fala representativa da segunda variedade? Explique.

(ABAURRE, ABAURRE, e PONTARA, 2013. Vol. 3. p.260)

Assim como no exemplo anterior da Coleção 2, este também parte do texto para iniciar o trabalho com a concordância. Para isso, o capítulo chamado de *Concordância e regência* apresenta em seu início uma atividade por meio da interpretação da tira. Em seguida, na segunda questão o enunciado retoma o tema da variação linguística trazendo uma breve revisão sobre o assunto para que logo em seguida, por meio das questões *a* e *b*, possa se identificar os elementos textuais das variedades representadas.

Após toda essa familiarização com os elementos do texto, a terceira questão apresenta uma abordagem sobre a variação da língua, buscando que o aluno possa diferenciar as formas linguísticas sem que a de maior prestígio social e mais formal prevaleça sobre a outra variedade. Portanto, é possível de perceber a proposição das autoras em reconhecer as variedades linguísticas e as formas com que se apresentam, levando a concluir que esta questão trabalha a norma pela perspectiva da normalidade, tudo isso dentro do que foi proposto que é o de facilitar “a obtenção de um conhecimento sobre a linguagem e seus usos em situações reais, e não como objetivo final das aulas” (COLEÇÃO 2, Manual do professor, p.17), conforme foi no exemplo 10.

De modo geral, as coleções mostram avanços por não desenvolverem o seu conteúdo da norma linguística somente ancorada na perspectiva tradicional. Para o trabalho com a norma linguística, mesmo que de forma explícita como na Coleção 1, ou não como na

Coleção 2, é possível observar um foco no estudo da



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
**E D U C A Ç Ã O**

língua que vai deixando de ser preocupado em atender a norma-padrão estabelecida, para atender aos diversos usos, de acordo com as necessidades comunicativas, incluindo as da norma-padrão.

As coleções apresentaram em muitos momentos nos estudos das unidades da língua tanto abordagens mais conservadoras, como inovadoras, porém elas também apresentaram atividades que fugiam em algum momento daquilo que era proposto no Manual do Professor, comprovando assim como um todo que as duas coleções apresentam no desenvolvimento dessas unidades, uma conciliação baseada ora na tradição gramatical, ora nas teorias linguísticas, mesmo que muitas vezes a expressão análise linguística não apareça nas coleções escolhidas. Dessa forma, é possível perceber que

No ensino de Língua Portuguesa, recorre-se a teorias diversas como em um processo de amalgamação/evolução do conhecimento, e, não de rupturas, pois vemos que a base da tradição gramatical não é eliminada. Verificamos que há um interesse em contemplar a reflexão implicada na prática de análise linguística, mas o encaminhamento dado ao estudo tem como norte levar o aluno a se apropriar dos conhecimentos da gramática tradicional. (BEZERRA e REINALDO, 2013, p.84).

Tal observação apontada por Bezerra e Reinaldo (2013) ocorreu principalmente no trabalho da norma linguística nos outros volumes da coleção, aplicados a unidades específicas como para os pronomes relativos e a concordância na Coleção 1 e para a concordância e regência na Coleção 2, mostrando-se, assim, como um norte a levar o aluno a se apropriar dos conhecimentos da gramática tradicional.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Partindo do questionamento de como as concepções de norma são abordadas em coleções de livros didáticos do ensino médio, este trabalho teve como objetivo analisar a maneira como os livros didáticos do ensino médio entendem a concepção de norma linguística, especialmente verificando as concepções apresentadas pelas coleções, bem como o tratamento das questões propostas para o assunto e como elas influenciam no ensino de língua materna.

Foram observados os tipos de ensino de língua e de atividades, por meio de três categorias: as concepções de língua/norma e o tratamento metodológico dado pelas coleções à questão da norma relacionando-as com as concepções



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

defendidas e as atividades propostas para o trabalho da norma linguística ao longo de duas coleções de livros didáticos do Ensino Médio.

Nas coleções selecionadas foi percebido um equilíbrio entre as concepções de norma, revelando assim que apesar de se inferir pelas concepções defendidas pelos autores uma determinada reflexão sobre a língua, o que se percebe nas atividades é uma mescla das perspectivas da normatividade e da normalidade.

De modo geral, as coleções avançam, pelo menos nos capítulos específicos à temática da norma, ao prezar por uma preocupação na diversidade dos usos em função das necessidades comunicativas em geral. No entanto, esse avanço se encontra pouco ou não presente em volumes com temas gramaticais mais específicos, em especial como foi constatado nos exemplos retirados acerca da concordância e da regência verbal, o que se levou a concluir que apesar do predomínio de determinados tipos de atividades, as coleções se mostram conciliadoras ao utilizar tanto as teorias linguísticas como a tradição gramatical no desenvolvimento do ensino de língua materna.

Desta maneira, a análise linguística passa a ser vista como uma alternativa ou complementação, para o ensino de gramática tradicional, para poder cobrir a lacuna existente entre os objetos de estudo e de ensino, para poder assim por meio da pesquisa desenvolver a ideia de reflexão sobre o uso de certos elementos gramaticais, inclusive a norma linguística, sem realizar um rompimento com a tradição gramatical e assim poder ampliar os estudos ligados ao ensino de língua materna.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABAURRE, Maria Luiza M.; ABAURRE, Maria Bernadete M. e PONTARA, Marcela. **Português: contexto, interlocução e sentido**. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2013.

AMARAL, Emilia et. al. **Novas palavras**. 2.ed. São Paulo: FTD, 2013.

ANTUNES, Irandé. **Gramática contextualizada** 'limpando o pó das ideias simples'. 1.ed. São Paulo. Parábola, 2014.

BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. 1.ed. 3.reim. São Paulo: Parábola, 2007.

BEZERRA, Maria Auxiliadora; REINALDO, Maria Augusta. **Análise linguística: afinal a que se refere?** São Paulo: Cortez, 2013.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Orientações curriculares para o ensino médio: volume 1**. Brasília, 2006.

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

[www.conedu.com.br](http://www.conedu.com.br)



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
**E D U C A Ç Ã O**

FARACO, Carlos Alberto. **Norma culta brasileira: desatando alguns nós.** São Paulo: Parábola, 2008.

MONTEAGUDO, Henrique. **Variação e norma linguística: subsídios para uma (re) visão**  
In: LAGARES, Xóan Carlos e BAGNO, Marcos. **Políticas da norma e conflitos linguísticos.** São Paulo: Parábola, 2011. p.15-48.

GONSALVES, Elisa Pereira. **Conversas sobre iniciação à pesquisa científica.** Campinas: Alínea, 2001.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa.** 3. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.